

Petição para um debate sobre o ensino de Economia*

Esta petição levanta os seguintes problemas:

1. A exclusão do currículo de teoria que não seja a Neoclássica.
2. O descasamento entre o ensino da economia e a realidade econômica.
3. O uso da matemática como um fim em si mesmo, e não como uma ferramenta.
4. Métodos de ensino que excluem ou proíbem o pensamento crítico.
5. A necessidade de uma pluralidade de enfoques, adaptados à complexidade dos objetos analisados.

Nas ciências reais, a explanação é focalizada sobre fenômenos reais. A validade e relevância de uma teoria somente podem ser avaliadas pela confrontação com “fatos”. É por isso que nós, como muitos estudantes, deploramos o desenvolvimento de uma nova pedagogia em Economia, que privilegia a apresentação de teorias e a montagem e manipulação de modelos sem considerar a sua relevância empírica. Essa pedagogia destaca as propriedades formais da construção de modelos, ao mesmo tempo que praticamente ignora a relação desses modelos, se é que as têm, com as realidades econômicas. Isso é “cientismo”. Sob um enfoque científico, por outro lado, o interesse primeiro é demonstrar o poder informativo e a eficiência de uma abstração em comparação com conjuntos de fenômenos empíricos. Essa deveria ser a tarefa primária do economista. Isso não é uma questão matemática.

O caminho de “voltar aos fatos”, todavia, não é óbvio. Toda ciência repousa sobre “fatos” que são construídos e conceitualizados. Paradigmas diferentes aparecem, portanto, cada um constituindo diferentes famílias de representação e modalidades de interpretação ou construções da realidade.

A aceitação da existência e do papel dos paradigmas não deveria ser usada como um argumento para o estabelecimento de diferentes cidadelas, inquestionáveis a partir de fora. Os paradigmas deveriam ser confrontados e discutidos. Mas isso não pode ser feito na base de

* (Baseada na petição dos professores que circulou na França).

uma representação “natural” ou imediata. Não se pode evitar o uso das ferramentas disponibilizadas pela Estatística e pela Econometria. Mas o desempenho de uma avaliação crítica de um modelo não deveria ser focado exclusivamente em base quantitativa. Não importa o quão rigorosa, de um ponto de vista formalista, ou ajustada à aderência estatística, qualquer “lei econômica” ou teorema precisa ser avaliado por sua relevância e validade em relação ao contexto e tipo de situação ao qual é aplicado. Precisa-se também levar em conta as instituições, a história, as realidades ambientais e geopolíticas, as estratégias de atores e grupos, as dimensões sociológicas, incluindo relações entre gêneros, assim como outros assuntos epistemológicos. Todavia, essas dimensões da Economia estão cruelmente ausentes no treinamento de nossos alunos.

A situação poderia ser melhorada pela introdução de cursos especializados. Mas não é a adição de novos cursos que é importante, mas a ligação de diferentes áreas do conhecimento no mesmo programa de treinamento. Os estudantes estão pedindo essa ligação e nós consideramos adequado fazê-lo. A fragmentação da nossa disciplina precisa ser combatida. Por exemplo, a macroeconomia deveria enfatizar a importância das restrições institucionais e ecológicas, das estruturas, e o papel da história.

Isso nos leva ao assunto do pluralismo. Pluralismo não é apenas uma questão de ideologia, ou seja, de diferentes preconceitos ou visões que as pessoas estão comprometidas em expressar. Ao invés, a existência de diferentes teorias é também explicada pela natureza das hipóteses assumidas, pelas questões que são formuladas, pela escolha do espectro temporal dos problemas estudados e, não menos importante, pelo contexto institucional e histórico.

O pluralismo deve ser parte da cultura básica do economista. As pessoas, em suas pesquisas, deveriam ser livres para desenvolver o tipo e a direção do pensamento ao qual suas convicções e áreas de interesse as levem. Em um mundo que evolui rapidamente e se torna cada vez mais complexo, é impossível evitar, e perigoso desencorajar, representações alternativas.

Isso nos leva à questão da teoria neoclássica. O espaço preponderante que ela ocupa é inconsistente, é claro, com o pluralismo. Mas há um aspecto até mais importante aqui. A ficção neoclássica de um agente representativo “racional”, a dependência da noção de equilíbrio e a sua insistência de que os preços constituem o principal (senão o único) determinante do comportamento de mercado estão em contradição com nossas crenças particulares. Nossa concepção de economia está baseada em outro tipo de princípios de comportamento. Esses incluem especialmente a existência e a importância da intersubjetividade entre agentes, a racionalidade limitada dos agentes, a heterogeneidade de agentes e a importância de

comportamentos econômicos baseados em fatores fora do mercado (*non-market factors*). Estruturas de poder, incluindo organizações, e campos sociais e culturais deveriam ser excluídos *a priori*.

O fato de que em muitos casos o ensino oferecido é limitado à tese neoclássica é questionável também em termos éticos. Os estudantes são levados a deter a falsa crença de que a teoria neoclássica não apenas é a única corrente científica, mas também que a cientificidade é simplesmente uma questão de formalização axiomática e/ou modelação formalizada.

Com os estudantes, nós denunciemos a simplória e abusiva combinação que é sempre feita entre cientificidade e o uso da matemática. O debate sobre o *status* científico da economia não pode se limitar à questão do uso ou não da matemática. Ademais, colocar o debate nesses termos é de fato enganar as pessoas e evitar questões reais e assuntos de grande importância. Isso inclui o questionamento do objeto e da natureza da modelagem em si e a consideração de como a economia pode ser redirecionada para explorar a realidade, afastando-a do seu foco atual, que é resolver problemas “imaginários”

Dois aspectos fundamentais do ensino universitário deveriam ser a diversidade do curso tomado pelo aluno que busca um diploma e o treinamento do estudante no pensamento crítico. Mas sob o regime neoclássico nenhum dos dois é possível, e quase sempre o segundo é ativamente desencorajado. A insistência no formalismo matemático significa que a maioria dos fenômenos econômicos está em território proibido, tanto para a pesquisa quanto para o currículo de economia. A indefensabilidade dessas restrições significa que a evidência de pensamento crítico pelos estudantes é percebida como uma ameaça perigosa. Em sociedades livres, esse é um estado de coisas inaceitável.

Nós, professores de economia do MUNDO, damos nosso total apoio aos pedidos dos estudantes. Nós estamos particularmente preocupados com iniciativas que podem ser tomadas no nível local de modo a oferecer o início de respostas para suas expectativas. Nós também esperamos que esses assuntos venham a ser ouvidos por todos os estudantes de economia em universidades de todas as partes. Para facilitar isso, nós estamos prontos para entrar em diálogo com estudantes e para nos associarmos com iniciativas de promoção de conferências que possam abrir o debate público para todos.

